

Brincando com a esperança

Economia - Brasil

O departamento de efeitos especiais do governo federal anda pouco criativo e dado a brincadeiras de mau gosto. É antiga a fórmula de se criar uma comissão, um grupo de trabalho ou mesmo lançar uma discussão a propósito de tema de aparente relevância quando não se sabe bem o que fazer ou dizer.

Sinceramente, essa idéia grandiloquente de se formar um grande fórum nacional de debates pró-desenvolvimento está com todo jeito de ser daqueles temas "do bem" criados para que deles a imprensa se ocupe a fim de deixar de lado assuntos mais complicados.

A crise econômica e a capacidade do governo de mostrar que sabe o que fará no dia seguinte, por exemplo.

Em vez de apenas "lamentar" os boatos sobre a centralização do câmbio por meio de seu porta-voz, como fez ontem, o presidente poderia dedicar-se ao exercício da compreensão a respeito dos efeitos dessa barafunda de posições sem que ninguém venha a público dizer com clareza em que pé estamos, para onde vamos, o que nos espera.

Não que um governante deva se ocupar o tempo inteiro em desmentir todo e qualquer boato que surja na praça. Tanto que é positiva a decisão de Fernando Henrique de não desmentir mais todos os dias que o ministro Pedro Malan vai deixar a Fazenda. Isso é uma coisa.

Outra coisa é o governo deixar que sinais desordenados, declarações desencontradas criem a sensação de desnorteio simplesmente porque sabe que as origens dos boatos residem na defesa de interesses individuais. A sociedade não dispõe dessas informações, e só o que vive é a impressão coletiva de que vigora um clima de biruta de aeroporto.

E não pode ser outra a conclusão ao ver uma parte do governo falar em desenvolvimento quando o que se tem no horizonte é a recessão, até como arma para evitar a volta da inflação.

Não pode ser outra a sensação quando se vê o lançamento no ar de um debate inócuo, pois fundado na criação de duas comissões que discutirão os rumos do Brasil, quando o presidente Fernando Henrique Cardoso tem um programa de governo, quatro anos de mandato nas costas e delegação para, nos próximos quatro, dar os rumos do Brasil.

Não é justo que pessoas responsáveis se dêem ao direito de brincar com a esperança de todo um país. Além de cruel, a ação é lamentável – para usar o termo ditado ao porta-voz pelo presidente –, pois imprime sentido ao ambiente de boataria.

Como não existem condições objetivas de fazer desenvolvimento agora nem depois de amanhã, fica parecendo que a discussão tem o único objetivo de passar um recado ao público de que o governo tem alternativa à fracassada política econômica comandada por Pedro Malan.